

## **CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO DO CAFÉ FAIRTRADE: ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO CÓRREGO D'ANTAS (ASSODANTAS), POÇOS DE CALDAS/MG<sup>1</sup>**

Samuel Frederico<sup>2</sup>, Marcela Barone<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Trabalho de iniciação científica, sendo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup>Professor Assistente Doutor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), UNESP - Câmpus de Rio Claro. E-mail: sfrederico@rc.unesp.br

<sup>3</sup>Aluna do curso de Graduação em Geografia Universidade Estadual Paulista – Rio Claro. E-mail: baronemarcela@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente tem como objetivo principal analisar o circuito espacial produtivo e os círculos de cooperação do café *Fairtrade*, tomando como estudo de caso a Associação dos Agricultores Familiares do Córrego D'antas (ASSODANTAS), localizada no município de Poços de Caldas – MG. A proposta principal é analisar os fluxos materiais (grãos, insumos, etc.) estabelecidos entre as diferentes etapas geograficamente separadas da produção (produção propriamente dita, troca, distribuição e consumo) e as relações entre os diferentes agentes, com o intuito de analisar a organização e a regulação da produção de café *Fairtrade*. Trata-se de compreender como a inserção da ASSODANTAS no Comércio Justo permite ou não a criação de novos circuitos produtivos, agregando valor e conferindo maior identidade e autonomia aos seus pequenos cafeicultores, quando comparado com o tradicional comércio de café commodity.

**PALAVRAS-CHAVE:** Café; Comércio Justo; Círculos de Cooperação; Circuito Espacial Produtivo.

### **SPATIAL PRODUCTIVE CIRCUIT AND CIRCLES OF COOPERATION OF FAIRTRADE COFFEE: ANALYZE OF ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO CÓRREGO D'ANTAS (ASSODANTAS), POÇOS DE CALDAS/MG**

**ABSTRACT:** The aim of this research project is to analyze the spatial productive circuit and circles of cooperation of Fairtrade coffee, taking as a case of study the Associação dos Agricultores Familiares do Córrego D'antas (ASSODANTAS), Poços de Caldas - MG. The main purpose is to analyze material flows (grains, supplies, etc.) established between geographically separated stages of production (production, exchange, distribution and consumption) and the relationships between the agents in order to analyze the organization and regulation of production of Fairtrade coffee. It is understood as the insertion of the Fairtrade ASSODANTAS to permit the creation of new production lines, adding value and providing greater identity and autonomy to their small farms, when compared with traditional coffee trade commodity.

**KEY WORDS:** Coffee; Fair Trade; Spatial Productive Circuit; Circles of Cooperation.

### **INTRODUÇÃO**

A cafeicultura teve um papel de grande importância para o desenvolvimento da formação territorial brasileira, pois ao longo de sua história tal cultura fomentou mudanças na ocupação do espaço, nas relações econômicas, políticas e sociais, relatadas por diversos autores como: Prado Junior (1945), Furtado (1959), Taunay (1945) e Monbeig (1977). Ainda hoje, apesar de representar somente 2% das exportações brasileiras, a cafeicultura ainda é considerada uma cultura significativa para a agricultura nacional, representando 7,5% do valor total da produção agrícola em 2010 (IBGE, 2010). Além disso, o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café, com aproximadamente, 33% das exportações (OIC, 2012). Ao contrário da maioria das commodities agrícolas, a maior parte da produção mundial de café é produzida por pequenos produtores de base familiar. No Brasil, 88,7% do total dos cafeicultores possuem menos de 100 ha, sendo que 35,6% possuem

propriedades inferiores a 10 ha. A agricultura familiar é responsável por 38% da produção nacional de café. Esse índice varia segundo a região do país: no Sul chega a 43%, no Centro-Oeste a 63%, no Norte a 94%, no Nordeste a 23% e no Sudeste a 25%. As pequenas unidades de produção são cultivadas não apenas por produtores proprietários, mas também por parceiros, arrendatários e assalariados rurais (CENSO AGROPECUÁRIO, 2006). Ao longo da maior parte do século XX, e principalmente entre as décadas de 1960 e 1980, a cafeicultura mundial foi fortemente regulada pelo Estado. Contudo, a adoção das políticas neoliberais e a consequente “desregulação” (nova regulação) da política cafeeira, a partir da última década do século XX, houve uma queda dos preços internacionais e a diminuição acentuada do percentual recebido pelo produtor no valor final do produto, que alcançaram os menores índices históricos no início das décadas de 1990 e 2000 (DAVIRON; PONTE, 2010). O mercado de “cafés especiais”<sup>1</sup> surgiu e se consolidou como uma resposta à crise do café supracitada, sendo estimulado, principalmente, por agentes vinculados ao discurso da sustentabilidade ambiental e por grupos insatisfeitos com as desigualdades sociais aprofundadas pela atual relação de produção (BACON, 2008). Dentre os diferentes tipos de mercado e certificações para “cafés especiais”, o Comércio Justo ou *Fair Trade* se destaca por ser o mais preocupado com a geração de renda e a garantia de preço-mínimo para os pequenos produtores. As primeiras iniciativas vinculadas ao Comércio Justo surgiram na década de 1950, devido à insatisfação de certas pessoas e movimentos sociais dos países desenvolvidos com relação à situação de miséria da maioria dos pequenos produtores agrícolas dos países subdesenvolvidos (MASCARENHAS, 2007). Com a expansão dessas iniciativas, ele adquire um caráter de movimento social e econômico. Em 1997 foi criada a *Fairtrade Labelling Organization International* (FLO), com o objetivo de coordenar o comércio mundial *Fairtrade* e a certificação dos produtores e empresas, além de definir as normas e os princípios que orientam o movimento. Segundo os princípios estabelecidos pela FLO, o Comércio Justo visa diminuir ao máximo a distância entre o produtor e o consumidor, proporcionando uma parceria comercial que busca uma maior equidade e durabilidade. No caso do café, o valor pago pela saca comercializada via Comércio Justo é em média 10% superior ao preço do mercado convencional. Um aspecto interessante do Comércio Justo é a garantia do pagamento de um preço mínimo, um aspecto positivo nos períodos de queda acentuada dos preços internacionais do café. Além disso, as associações recebem o pagamento de um “Premium” (prêmio) que deve ser revertido em projetos sociais e melhorias na cooperativa. Há aproximadamente 1,2 milhões de produtores certificados como Comércio Justo (*Fairtrade*) no mundo, somando 991 organizações produtoras. De acordo com o relatório “*Monitoring the scope and benefits of fairtrade*”, em 2010 o Brasil ocupava o terceiro lugar entre os dez países com maior capacidade de produzir café com certificação *Fairtrade* e concentrava 3% dos trabalhadores e agricultores envolvidos com o Comércio Justo da América Latina e Caribe, representando correspondendo a 7.800 pessoas (FLO, 2011). Acredita-se que foi o café que impulsionou o Comércio Justo e até os dias atuais ele representa um dos principais produtos comercializados. Segundo informações da FLO-Cert (2013), foi permitido identificar todas as associações e cooperativas de café *Fairtrade* existentes no Brasil, sua maioria está localizada em Minas Gerais (15), seguido pelo Espírito Santo (4). A América Latina representa o principal produtor do café do Comércio Justo e estima-se que o Premium pago em 2011 totalizou 28,9 milhões de euros (FLO, 2012). No final dos anos 1990, com o objetivo de aumentar as vendas, o movimento se aproximou de formas comerciais convencionais, vendendo produtos com certificação *Fairtrade* nas prateleiras de grandes redes varejistas, o que acabou gerando algumas controvérsias. Segundo Renard (2003), o Movimento ao mesmo tempo em que critica as desigualdades geradas pelo mercado convencional, se insere nesse mercado, inclusive com a concessão do certificado *Fairtrade* a grandes redes de supermercado e corporações internacionais do ramo agroalimentar. Ainda não há um consenso sobre como fazer para que o movimento cresça sem comprometer os seus princípios. A problemática se aprofundou ainda mais, quando grandes empresas, como a Starbucks, conseguiram o direito de utilizar o selo nos seus produtos, desde que 30% do café contido na embalagem fossem provenientes do Comércio Justo. Uriarte (2002) destaca que a prática combinada de Comércio Justo e comércio convencional possui benefícios e riscos potenciais. Se por um lado mostra-se como possibilidade de maior escoamento da produção do Comércio Justo, pois as grandes empresas já apontam como grandes consumidores, por outro pode ocorrer utilização oportunista por parte dessas empresas convencionais, que cultivariam uma imagem positiva perante o público sem aderir de fato ao cotidiano organizacional, à ideologia e aos princípios do movimento. Dentre as associações certificadas *Fairtrade*, analisaremos o circuito espacial produtivo da Associação dos Agricultores Familiares do Córrego D’Antas

---

<sup>1</sup> Estamos denominando “cafés especiais”, todos aqueles que não são considerados convencionais (Orgânico, Comércio Justo, Biodinâmico, Gourmet e Indicação Geográfica)

(ASSODANTAS), criada em 2004, pelos agricultores da comunidade rural de Córrego D'antas, Poços de Caldas, MG. A Assodantas surgiu em decorrência da crise internacional do café, no início da década de 2000, com o objetivo de organizar os produtores, diminuindo os custos de produção e buscando novos canais de comercialização para o café. Através do apoio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SEDET), de Poços de Caldas (MG), e do SEBRAE – MG conseguiu a certificação no final de 2009, sendo a primeira e ainda a única associação que possui o selo *Fairtrade* naquele município mineiro. A primeira venda de café certificado *Fairtrade* da Associação ocorreu no início de 2010, através da exportadora *Bourbon Speciality Coffee*, especializada no comércio de cafés especiais.

## MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia de pesquisa consiste na formulação de um “esquema” (SILVEIRA, 2000), isto é, o confronto de um conjunto teórico com o problema que pretendemos pesquisar. Para isso, foi realizada revisão bibliográfica de dois conjuntos de bibliografias, teórico-metodológica e temática; o levantamento, organização e análise de dados primários e secundários (relatórios FLO, trabalhos de campo e entrevistas semi-estruturadas); trabalhos técnicos (gráficos, tabelas, organogramas e mapas) e trabalhos de campo. Em relação ao método, esta pesquisa selecionou categorias e conceitos internos e externos à Geografia que atendem aos quesitos da coerência, pertinência e operacionalidade frente ao nosso recorte empírico. Nesta perspectiva, para a análise da produção de café *Fairtrade* da Assodantas, selecionamos como conceitos centrais de nossa análise as noções de circuito espacial produtivo e círculos de cooperação (SANTOS, 1986; 1997; SANTOS; SILVEIRA, 2001). Os conceitos de circuito espacial produtivo e círculos de cooperação, podem ser entendidos, respectivamente, como propõem Santos e Silveira (2001), como os fluxos materiais e imateriais que perpassam as diferentes etapas do processo produtivo (produção propriamente dita, troca, distribuição e consumo), isto é, o movimento de mercadorias e objetos que conectam as etapas geograficamente separadas do processo produtivo e as relações estabelecidas entre os seus diferentes agentes. Através dessas noções teóricas pretendemos de forma sucessiva nos aproximar de nosso recorte empírico, demonstrando como se organiza os fluxos materiais desde a região produtora até os portos exportadores (recebimento dos insumos produtivos, colheita, pós-colheita, beneficiamento, armazenamento e transporte dos grãos) e também os principais agentes envolvidos e suas relações de poder (produtores, empresas fornecedoras de insumos, empresas de certificação, exportadores, torrefadores). Através do confronto entre a teoria maior e os dados e fatos relacionado à nossa empiria pretendemos como resultado final elaborar um concreto pensado (SILVEIRA, 2000), isto é, uma análise descritiva e interpretativa da realidade estudada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho consiste em entender se a inserção dos pequenos produtores de café no Comércio Justo proporciona maior autonomia e identidade quando comparado com a produção de café convencional. A diferenciação qualitativa do produto e o acesso privilegiado a determinados nichos de mercado fazem com que o Comércio Justo se estruture como uma espécie de *anticommodity* (DAVIRON; PONTE, 2010). O grande desafio dessa pesquisa é analisar até que ponto a organização desse novo circuito espacial produtivo e de seus consequentes círculos de cooperação confere uma maior autonomia e identidade aos pequenos produtores, ou, se de maneira contraditória, tem promovido uma *recomoditização* desse nicho de mercado do café, ao estabelecer novos padrões à produção. O esboço apresentado na Figura 1 visa ilustrar de maneira simplificada o funcionamento do circuito espacial produtivo do café convencional e do café *Fairtrade*. A principal diferença entre os circuitos é o maior número de atravessadores (intermediários) do café commodity (convencional), quando comparado ao circuito do café *Fairtrade*. Outro fato importante é que a venda *Fairtrade* exige que os pequenos produtores sejam associados, o que facilita a aquisição de insumos e o envio de seus produtos para o mercado externo. Até o presente momento não temos resultados finais da pesquisa, pois ainda estamos na etapa de obtenção de dados nos trabalhos de campo. Espera-se que até a data de realização do Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil seja possível mostrá-los na apresentação oral.

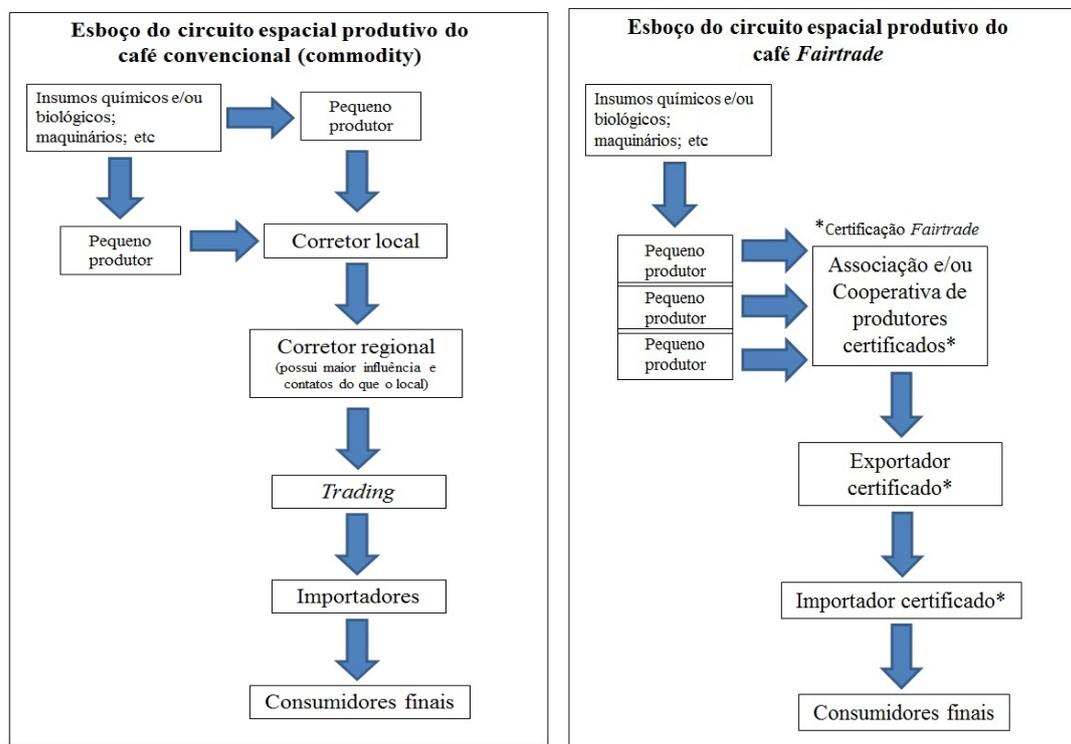


Figura 1 - Esboço comparativo do circuito espacial produtivo do café commodity e do café Fairtrade.

## CONCLUSÕES

As certificações de café representam uma agregação de valor simbólico, possibilitando a inserção em determinados nichos de mercado, e criam novos sistemas produtivos. A análise dos circuitos espaciais produtivos e dos círculos de cooperação desse sistema produtivo visa captar os fluxos que perpassam as diferentes etapas da produção espacialmente fragmentadas, além de identificar os agentes que detêm o poder de regulação da produção. Os princípios do Comércio Justo, como a aproximação do produtor com o consumidor final, representam uma tentativa de diferenciação qualitativa, assumindo características de uma espécie de *anticommodity*. Entretanto, a obrigatoriedade da certificação e a inserção desses produtos em redes varejistas e grandes empresas têm promovido uma padronização da produção *Fairtrade*, promovendo, como afirma Daviron & Vagneron (2011), uma *commoditização* do Comércio Justo. A certificação via Comércio Justo é ainda incipiente no território brasileiro, porém possui potencial de expansão devido ao relevante número de pequenos produtores envolvido com a produção de café. Desta maneira, espera-se que os resultados do estudo da regulação do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação do café *Fairtrade* produzido pela Assodantas, no município de Poços de Caldas (MG), permita analisar como a produção de café *Fairtrade* permite ou não uma inserção alternativa dos pequenos produtores no mercado internacional.

## REFERÊNCIAS

- BACON, C. M. Confronting the coffee crisis: can Fairtrade, organic, and specialty coffees reduce the vulnerability of small-scale farmers in Northern Nicaragua?. In: BACON et al. Confronting the coffee crisis. Fair trade, sustainable livelihoods and ecosystems in Mexico and Central America, 2008.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. Sociedade & Natureza (UFU. Online), v. 22, p. 461-474, 2010.
- DAVIRON, B.; PONTE, S. Le paradoxe du café. Paris: Éditions Quae, 2005. 360 p.

- DAVIRON, B. ; VAGNERON, I. From commoditisation to de-commoditisation... and back again. Discussing the role of sustainability standards for agricultural products. CIRAD, UMR MOISA, F-34000 Montpellier, França, 2010. Disponível em <[http://www.prodinra.inra.fr/prodinra/pinra/data/2011/04/PROD201169c50051\\_20110419111853467.pdf](http://www.prodinra.inra.fr/prodinra/pinra/data/2011/04/PROD201169c50051_20110419111853467.pdf)>. Acesso em 20 jan 2013.
- FACES do Brasil. Comércio Justo no Brasil. São Paulo. Disponível em <<http://www.facesdobrasil.org.br>>. Acesso em 10 dez 2012.
- FAIRTRADE INTERNATIONAL – FLO. Monitoring the scope and benefits of fairtrade report third edition, 2011. Disponível em <[http://www.fairtrade.net/fileadmin/user\\_upload/content/2009/resources/Monitoring\\_the\\_scope\\_and\\_benefits\\_of\\_Fairtrade\\_2011.pdf](http://www.fairtrade.net/fileadmin/user_upload/content/2009/resources/Monitoring_the_scope_and_benefits_of_Fairtrade_2011.pdf)>. Acesso em 03 de mar 2013.
- FAIRTRADE INTERNATIONAL – FLO. Annual Report 2011-2012: For producers, with producers. Disponível em <[http://www.fairtrade.net/fileadmin/user\\_upload/content/2009/resources/2011-12\\_AnnualReport\\_web\\_version\\_small\\_FairtradeInternational.pdf](http://www.fairtrade.net/fileadmin/user_upload/content/2009/resources/2011-12_AnnualReport_web_version_small_FairtradeInternational.pdf)>. Acesso em 03 mar 2013.
- FREDERICO, S.; CASTILLO, R. Circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil. *Ciência Geográfica*. Bauru, Ano X, Volume X, n. 3, pp. 236-241, 2004.
- GOMES, Carla C. M. Pereira. Alternativas encontradas para superação das principais dificuldade no processo de certificação Fair Trade: Um estudo multicase de organizações de pequenos produtores no Brasil. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP, 2010.
- MASCARENHAS, G. C. C. O movimento do comércio justo e solidário no Brasil: entre a solidariedade e o mercado. (Tese de Doutorado) UFRRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- RENARD, M. C. Fair trade: quality markets and conventions. *Journal of rural studies*, n. 19, p. 87-96, 2003.
- SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (Org.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, p. 121-134, 1986.
- SANTOS, M. A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção. 3ª edição, São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo, Editora Record, 2001.
- SCHNEIDER, J. W. *Pesquisa mundial de Comércio Justo, versão 2007*. Brasília: SEBRAE, 2007.
- SOUZA, M. C. M. *Cafés sustentáveis e denominação de origem: a certificação de qualidade na diferenciação de cafés orgânicos, sombreados e solidários*. (Tese de Doutorado) São Paulo, 2006.
- SILVEIRA, M.L. “Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia”. In: SOUZA, A.J. de; SOUZA, E.B.C. de & MAGNONI JÚNIOR, L. (Orgs.) *Paisagem território região: em busca da identidade*. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2000.
- TAUNAY, Affonso de E. *Pequena História do Café no Brasil: 1727-1937*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1945.
- URIARTE, A. Fair Trade: uma introdução e algumas reflexões. BSD – Business Meet Social Development, abr de 2002.